

SUBJETIVIDADE E CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO À LUZ DA PSICANÁLISE

SUBJECTIVITY AND CONTEMPORARY: A REFLECTION ABOUT PSYCHOANALYSIS

¹ ROSSITTO, A. R.; ¹GAINO, M. M.; ¹CARVALHO, M. P. G.; ¹OLIVEIRA, S. C. G.;
² EMIDIO, THASSIA SOUZA

¹ Discente do Curso de Psicologia - Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

² Docente do Curso de Psicologia - Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

Este artigo pretende, por meio da reflexão e análise de autores diversos, fazer um esclarecimento acerca da subjetividade no mundo contemporâneo. O indivíduo pode ser compreendido como sujeito em duas perspectivas: como corpo ou sujeito social e consciência ou sujeito psicológico. A primeira refere-se ao sujeito objetivo, onde se submete à realidade; e sujeito subjetivo, onde prevalece o mundo interno com suas emoções e sentimentos, ambos se interagem. Contudo, a civilização, desde as mais remotas sociedades impõe preceitos de socialização para harmonizar a vida coletiva, condição esta que restringe as subjetividades dos sujeitos, conseqüentemente, resultando em um mal-estar pessoal e sensação de desprazer. Portanto, a subjetividade é caracterizada por desejos pessoais, porém a contemporaneidade, marcada por uma civilização insensível, com a prevalência do individualismo, em que o sujeito passa a viver e a satisfazer a concepção do outro. O objetivo deste artigo é de fazer um esclarecimento acerca da posição da subjetividade no mundo contemporâneo, por meio da análise de autores diversos que tratam do tema.

Palavras-chave: Contemporaneidade. Subjetividade. Sujeito.

ABSTRACT

This article aims, through reflection and analysis by various authors, to make a clarification about the subjectivity in the contemporary world. The individual may be understood as a subject from two perspectives as a social subject or body and consciousness or psychological subject. The first refers to the individual goal, which is subjected to reality, subjective and subject, where prevails the world with their inner emotions and feelings, both interact. However, civilization, from the most remote societies impose precepts of socialization to harmonize collective life, a condition that restricts the subjectivity of individuals, thus resulting in a malaise and a feeling of personal displeasure. Therefore, subjectivity is characterized by personal desires, but the contemporary, marked by a callous civilization, with the prevalence of individualism, in which the subject is living and meet the design of another. The aim of this paper is to make a clarification about the position of subjectivity in the contemporary world, through the analysis of various authors dealing with the issue.

Keywords: Contemporary. Subjectivity. Subject.

INTRODUÇÃO

A expressão subjetividade na perspectiva psicanalítica representa algo íntimo e intransferível, algo que compõe o indivíduo, e assim, considerando que eles diferenciam-se entre si, compreende-se que as subjetividades também são distintas. É relevante destacar também que as distinções comuns às subjetividades vão além do próprio sujeito, o tempo e as configurações da sociedade, com os imperativos sociais e os determinantes políticos, econômicos e as transformações que ocorrem também contribuem para essa distinção de modo a resultar em subjetividades distintas em momentos históricos e sociais distintos; deste modo, considerando esta colocação inicial, nos propomos a refletir sobre as subjetividades contemporâneas. Levando em conta que o ser e estar do indivíduo no mundo enquanto integrante de uma sociedade não é inativo ao longo do tempo, são as conjunturas do momento histórico que determinam estas condições, condicionados a valores e preceitos sociais.

É relevante destacar que, neste processo, o sujeito busca a satisfação ampla, busca o prazer e a ausência de sofrimento de modo que possa conduzir sua vida sempre em um estado positivo, ou seja, o sujeito sempre procura algo positivo que lhe vai resultar em prazer. Porém, as adversidades são comuns neste processo, levando o indivíduo à insatisfação, desta forma, compreende-se que a realidade impõe limites à busca do prazer. Na busca pela sobrevivência, o indivíduo passa a confrontar a realidade buscando meios para se adequar as limitações impostas por ela e aliviar os sofrimentos que dela advêm.

Embora as sociedades se desenvolvam no tempo, bem como os valores de cada uma delas, os pressupostos da subjetividade não se modificam, que é a busca do que é válido para um só sujeito e que só a ele pertence, pois integra o domínio das atividades psíquicas, sentimentais, emocionais, volitivas entre outros. Assim sendo, entende-se que cada tempo histórico vai impor limites à subjetividade dos sujeitos, levando-os a questionamentos relevantes acerca de seu ser e estar no mundo. Levando-se em consideração esta abordagem inicial em relação à subjetividade, o objetivo deste trabalho é o de fazer uma análise da subjetividade no

mundo contemporâneo sob a perspectiva da psicologia, procurando responder os seguintes questionamentos: Como se pode definir subjetividade atualmente? A subjetividade no mundo contemporâneo é marcada por quais fatores?

A metodologia a ser utilizada para a elaboração deste trabalho se dará por meio de pesquisa teórico-reflexiva, de revisão bibliográfica sobre a temática, utilizar-se-á a pesquisa exploratória, que, conforme Quadros (2006) permite identificar elementos em diferentes fontes.

Este artigo se justifica no sentido de elaborar um material significativo de análise e reflexão, a fim de contribuir para a área de psicologia, consequentemente, produzindo subsídios para novos estudos.

A SUBJETIVIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Para iniciar-se uma abordagem acerca da subjetividade na contemporaneidade, é essencial expor o campo teórico acerca de sujeito e subjetividade, a fim de que se possa discorrer de hipóteses acerca das intervenções psicológicas nestes contextos.

Destaca Mezan (2002) que a discussão acerca da subjetividade envolve três especificidades, o singular, aquilo que é pessoal, que distingue um indivíduo do outro; o universal, aquilo que é comum a todos os indivíduos; e o particular, aquilo que se localiza entre o singular e o universal, ou seja, aquilo que é próprio de alguns, porém não a todos. A subjetividade é essencial a estas especificidades.

O termo sujeito pode ser compreendido por duas características específicas, conforme expõe Sartre (1984) como corpo, sujeito social; e consciência, sujeito psicológico, portanto, ao mesmo tempo, sujeito objetivo e sujeito subjetivo, não podendo ser reduzido somente a uma destas perspectivas. Neste aspecto reforça Maheirie (apud. GIDDENS, 2002, p. 4): “O Eu, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social.”.

Na mesma linha de raciocínio destaca Morin (2000, p. 111) acerca da constituição do sujeito:

[...] sujeito como unidade subjetiva/objetiva, que revela o “eu” exterior (objetivo) e o “Eu” interior (subjetivo); a permanência da auto-referência, apesar das transformações e através das transformações extremas ocorridas no interior do “eu”, o sujeito continua o mesmo; princípio de “se pouco importa quem possa dizer “Eu”, ninguém pode dizê-lo em meu lugar”, em outras palavras, o “Eu” é único para cada um; o princípio da inclusão que se caracteriza pela possibilidade de incluir em minha subjetividade (“Eu”) um outro, que viabiliza a comunicação entre os sujeitos de uma mesma espécie, cultura e sociedade.

Assim o sujeito é elaborado pela objetividade, em que um conjunto de determinações exteriores a ele contribui para a sua formação, trata-se de uma influência do mundo para o eu, é o sujeito consciente; como também pela subjetividade, são experiências próprias do indivíduo na direção do eu para o mundo, é o sujeito inconsciente, subentendendo-se que cada indivíduo possui uma subjetividade, um inconsciente, portanto, concepções distintas do mundo.

Mezan (2002) coloca que a palavra sujeito pode relacionar a aspectos de dependência, passividade e subjugamento, como, estar sujeito às leis, às ordens de outras pessoas; contudo também pode se relacionar em oposição a isso, ou seja, à liberdade, à ação, à iniciativa, como, sujeito de direitos, sujeito político. Compreende-se então que o sujeito está na interseção entre o eu e o mundo, em que algumas ele vai determinar, enquanto em determinados momentos outros vão determinar.

Assim, a subjetividade pode ser compreendida como a dimensão interior do indivíduo, refere-se a emoções, sentimentos e pensamentos que ele elabora em relação ao mundo exterior. Portanto, ela é o resultado de um processo onde se identifica a presença de diversos fatores contributivos, como política, cultura, sociedade, em que o sujeito vai deparar com limitações, refletir determinadas condições e modelos de ação.

A subjetividade tem como perspectiva, segundo observação Maheirie (apud. SARTI, 2005), resultar em aspectos singulares na constituição do indivíduo ao que se refere à fixação de crenças e valores. Portanto, na subjetividade prevalecem os privilégios individuais do sujeito. A subjetividade se opõe à objetividade, cuja característica se revela ao que é externo à consciência do sujeito, ou seja, ela se manifesta de forma independente à sua consciência, vai de encontro ao seu

privilégio. Assim sendo, compreende-se que o sujeito tem a potencialidade de produzir concepções subjetivas que podem embater com as elaborações objetivas.

De acordo com a concepção de Mezan (2002) para explicar a subjetividade contemporânea é crucial distinguir três planos: o singular, o único e o pessoal; universal; o que se compartilha com os outros; e o particular, próprio de alguns, mas não a todos, portanto, são três espécies de subjetividade, a “minha subjetividade”, a subjetividade de todos, e a subjetividade no plural.

Segundo Mezan (2002), a subjetividade e objetividade caminham juntas e que ao se tratar de subjetividade contemporânea, entende-se que ela se transforma no tempo, uma vez que as condições objetivas que a ensejam ou ensejaram não harmoniza com as condições do presente. No entanto, há condições que permitem a mesma subjetividade e objetividade mesmo com a evolução do tempo. Nesta perspectiva coloca o autor:

Pensemos que poderia ter sido a subjetividade de um escravo: enquanto existiu a escravidão, dos egípcios aos barões do café, uma das modalidades da subjetivação possíveis aos seres humanos era essa. Ela comportaria certos elementos comuns, derivados da condição de subjugação, e certos elementos específicos, próprios a cada cultura ou época.(MEZAN, 2002, p. 265).

Mas com o fim dos elementos que justificam a manutenção da subjetividade ao longo dos anos, ela deixa de existir, pois essa forma peculiar de experiência deixou de existir e passou a ser contraditória à atual realidade, sendo assim é importante destacar que, tal como cita Renault (1995), a Revolução Francesa ocorrida em fins do século XVIII disseminou o ideário da liberdade, onde o homem foi colocado como centro de todas as coisas, enaltecendo a liberdade do exercício da razão e da vontade, foi o primeiro indício de um novo paradigma de comportamento contemporâneo, que emancipou do pensamento medieval, onde as concepções subjetivas eram restringidas pela religiosidade. Foi nesta perspectiva que se instalou uma cultura individualista.

Porém, reforça Simmel (1997), com o advento do século XX e a ascensão da sociedade de consumo, houve a transformação da estrutura da família, devido justamente, a preconização do capitalismo e do enaltecimento ao trabalho como fator de desenvolvimento social. Desta forma, a tradicional família nuclear, comuns aos séculos XVIII e XIX foi substituída pelo individualismo. Lasch (1997) comenta

que tal condição veio resultar em uma sociedade permissiva, em que condutas sociais anteriormente questionadas ou vedadas, passaram a ser evidentes.

Esta condição resultou em um novo paradigma de relação do sujeito com o social. Esta perspectiva, tendente a um ideário de liberação, passou a questionar todos os eventos sociais que constrangia este sujeito, a partir de movimentos de reivindicação com contextos voltados à sexualidade, família entre outros, ganhando propriedades, inclusive políticas. Nesta perspectiva, mencionam Garcia e Coutinho (2004, p. 5):

O corpo – como corpo do prazer – torna-se a expressão mais clara do cultivo do eu e da liberação, objeto primordial de exercício da ideologia libertária, podendo ser tomado como o representante visível da identidade de cada indivíduo. Além disso, já que liberdade e singularidade estão intimamente relacionadas no ideário libertário, a valorização do natural, do espontâneo, da anti-normatividade e do subjetivo desemboca em uma “ética que exacerba valorativamente as diferenças individuais.”.

Desta forma, o corpo passa a ter um simbolismo significativo na subjetividade contemporânea, em que cada sujeito passou a tê-lo como referencial social, atribuindo a ele uma representação específica para ser aceito socialmente.

No que se refere à família contemporânea, Sarti (2005) coloca que a característica da família alterou de unidade de produção para unidade de consumo, preterindo o aspecto do tradicional até então inerente à família. Diante desta perspectiva, a constituição familiar com personagens pré-determinados já não existe mais, mas sim, como membros colaboradores do desenvolvimento social e econômico.

Nesta perspectiva menciona Osterne (2001, p. 53):

Alguns fatores importantes contribuíram no processo histórico para as mudanças na estruturação da família: As relações de mercado e a crescente industrialização que modificaram, lenta, mas radicalmente, o status social da família; A ascensão do capitalismo que determinou a união da família a fim de se vencer as controvérsias da vida e, ao mesmo tempo, enfraqueceu como grupo extenso, incapaz de subsistir aos ambientes de proletarianização

A partir desta perspectiva, a família foi substituída pelo interesse do mercado, conseqüentemente, os sujeitos passaram a ser obrigados a submeter a este sistema para a sobrevivência. Desta forma, a felicidade do sujeito, conceito subjetivo, passou a estar condicionada a esta realidade, conceito objetivo, na qual o homem se

submete para satisfazer interesses da coletividade, necessário para o processo de socialização.

Outro aspecto do mundo contemporâneo é a cultura narcisista, denominada por Sibilida (2008, p. 111) de “sociedade espetáculo” onde a aparência é sobremaneira valorizada:

Nesta cultura das aparências, do espetáculo e da visibilidade, já não parece mais haver motivos para mergulhar naquelas sondagens em busca dos sentidos abissais perdidos dentro de si mesmo. Em lugar disso, tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o cobiçado troféu de ser visto. Cada vez mais, é preciso aparecer para ser. Pois tudo aquilo que permanece oculto, fora do campo da visibilidade - seja dentro de si, trancado no lar ou no interior do quarto próprio - corre o triste risco de não ser interceptado por olho algum. E, de acordo com as premissas básicas da sociedade do espetáculo e da moral da visibilidade, se ninguém vê alguma coisa é bem provável que essa coisa não exista.

Nesta circunstância, o indivíduo passa a renunciar o seu interesse em benefício do interesse do outro, objetivando manter-se em evidência. Evidente está que, neste contexto, a subjetividade está condicionada ao ponto de vista do outro, assim, a anulação do “eu” para corresponder as expectativas sociais ora impostas.

Conforme se constata, de acordo com Birman (2006), a subjetividade relaciona-se com três perspectivas: o corpo, a ação e o sentimento. Em relação ao corpo, destaca o autor vivencia-se uma condição de cobrança contínua na busca de um corpo perfeito, bem como do prolongamento da vida. A impressão que se tem é a de que o corpo passou a ser um bem exclusivo para justificar excessivo cuidado, a ponto de comprometer a relação do sujeito com o mundo, resultando em uma condição de estresse e que, segundo o autor, seria o grande mal-estar contemporâneo.

Os atuais valores sociais têm provocado situações de fadiga, resultados das formações coletivas, cujas conseqüências são a emersão da fragilidade humana diante das transformações, resultando em condições de pânico e medo, diante da incapacidade de alguns não conseguirem corresponder às novas exigências.

Coloca Birman (2006) que a subjetividade contemporânea não tem a potencialidade de prever o perigo, portanto, estão desprotegidos na regulação das relações com o meio do qual está inserido. Neste sentido, o sujeito passa a

sublimar-se e buscar meios para buscar a paz de consciência, tendendo-se a possibilidades oferecidas pelas pesquisas de medicamentos, cosméticos e tratamentos na busca da perfeição física e longevidade, conseqüentemente, estimulando novas e infinitas fórmulas.

O que se constata na realidade são ações individuais apoiada sobremaneira na ação destituída de pouca reflexão. Percebe-se uma forte hiperatividade, uma excitação incomum, cujos resultados são comportamentos com emoções incisivas em que se prevalece uma ausência de limites entre o bem e o mal, em que as condutas negativas passaram a ser banalizadas como, por exemplo, a drogadição; de acordo com Freud (1996) trata-se de uma forma de o sujeito trabalhar a ansiedade provocada pela interação com o mundo externo.

Levando-se em conta tal conjuntura, menciona ainda Freud (1996) para sobreviver no contexto real, o sujeito procura readequar seu ser e estar no mundo para evitar o sofrimento que poderia resultar em questionamentos acerca de suas expectativas relacionadas às suas subjetividades concernentes à sua felicidade, por exemplo, como o homem que construiu a máquina pode ser substituído por ela nas relações de trabalho? Como o homem pode ser preterido de uma relação conjugal, sendo que até recentemente, era o alicerce da família? Ou seja, o homem está destituído de si próprio.

Confirma-se então, conforme exposição de Freud (1996), que a sociedade civilizada é a principal responsável pela obstrução as subjetividade do sujeito, pois ela o confronta com uma diversidade de impasses que representam a perda de concepções próprias e ideais, cuja conseqüência é o sofrimento.

Nesta perspectiva menciona Guedes (2004, p. 16):

O sujeito moderno é colocado em um lugar que o impede de se individualizar, fixa a um modo de funcionamento pré-estabelecido, no qual a expressão de sua singularidade torna-se impossível. Ele responde às exigências da realidade de forma padronizada, em consonância com aquilo que a civilização espera dele.

Levando-se em conta esta colocação, Freud (1996, p. 30) menciona o que segue: “[...] a civilização é algo que foi imposto à maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção.”.

Para contornar esta realidade objetiva, o sujeito, ignorado de sua subjetividade, busca a felicidade não pelo prazer, mas por uma ação peculiar

comum que, muitas vezes, pode resultar em prejuízos a si, ou seja, trata-se de um prazer estranho que não é reconhecido como seu.

Nesta perspectiva menciona Birman (2006, p. 180):

É desse fundo difuso que se pode depreender algumas modalidades de ação nas subjetividades contemporâneas. A explosividade, antes de tudo. Tudo se passa, com efeito, como se essas não conseguissem conter o excesso no seu território, para em seguida simbolizá-lo e transformá-lo naquilo que Freud denominou de ação específica. Diante disso, a descarga de excitabilidade se impõe, manifestando-se como explosões emocionais incontroláveis.

É neste contexto que as subjetividades contemporâneas se tornam cada vez mais violentas se comparadas com as do passado. É visível que, atualmente a violência é evidentemente banalizada, secundando a delinquência e as formas de comportamento da sociedade, de modo que assinar alguém passou a ser considerado algo natural.

No contexto contemporâneo em que as referências éticas e morais apoiadas nos pressupostos cristãos estão sendo omitidos, bem como da queda do princípio do igualitarismo, assiste-se a uma conduta pragmática cínica se comparado ao contexto do século XX, situação esta observada em todas as relações, internacionais, nacionais, sociais, profissionais e pessoais, resultando em comportamentos individualistas em que se é exaltado o espetáculo e a prevalência do belo sobre o funcional, a limitação da subjetividade do indivíduo em diversos aspectos, como o amor, a realização profissional, o fracasso na busca de um corpo perfeito entre outros pode resultar na dor, que vai atingir diretamente o ego do indivíduo, tornando-o suscetível a variações.

Para aliviar a dor, de acordo com Marcusse (2000), o sujeito vai procurar alternativas para a satisfação de seu prazer, ou seja, vai buscar o prazer estranho mencionado anteriormente, tal como desistir do desejo, prazer alternativo, fuga da realidade, criação de um mundo peculiar, uso de drogas, anorexia, bulimia entre outros, sintomas estes resultantes da modernidade e da subjetividade não satisfeita. Freud (1996) denomina estas formas de comportamento de sublimação, para reduzir o sofrimento de um desejo não realizado, ou seja, o indivíduo busca uma ação para substituir aquela que não foi satisfeita, que vai atuar como uma forma de panacéia.

Em relação aos toxicômanos, Birman (2006, p. 181) coloca que: “[...] constituem uma das formas comuns de mal-estar, inscrevendo-se em diferentes

faixas etárias e classes sociais, [...] não se restringem ao uso de drogas ilegais, [...] mas incluem-se também as drogas legais. “.

Destaca ainda Birman (2006) os alimentos como uma forma de prazer comum buscada para o preenchimento do vazio contemporâneo, consequência do mal-estar, resultando na bulimia, anorexia ou outros transtornos alimentares. O consumo desmedido também é mencionado como sintomas de mal-estar, pois tal como expõe Birman (2006), o ter proporciona segurança ao indivíduo, representa status social; muito embora todas estas alternativas subjetivas buscadas pelo sujeito sirvam como paliativo para a sua satisfação, ele não consegue explicar o porquê de suas ações e pulsões, desta forma, quando elas não forem mais suficientes para a sua satisfação, vem a sensação do fracasso. “o sentimento de segurança psíquica, isto é, de que o eu pode dar conta das relações entre o corpo e o mundo, se esvazia.” (BIRMAN, 2006, p. 186).

No entanto, considerando a característica do mundo contemporâneo, onde o capital prevalece sobre o sujeito social, a deferência à subjetividade vem sendo substituída pela tecnologia e pelo desenvolvimento de medicamentos com o objetivo de regular as novas formas de sofrimento advindas pelo sentimento de fracasso do homem contemporâneo, conseqüentemente, cada vez mais os aspectos pessoais e suas necessidades mais íntimas e inconscientes vem sendo esquecidas, promovendo a angústia e questionamento do meio em que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se do que foi discorrido que a subjetividade vai sendo elaborada a partir da relação complexa que existe na sociedade e de sua transformação ao longo do tempo, chegando até a complexidade da constituição psicológica do sujeito. Desta forma, a subjetividade vai sendo construída a partir da ascensão de novos valores e das permissões atribuídas às novas constituições sociais

Desta forma, podemos considerar que a civilização impõe barreiras significativas e seus imperativos compõe a subjetividade, e na contemporaneidade exige, além do cumprimento do que determina dos preceitos de socialização, a satisfação das necessidades de uma sociedade que aprecia a aparência como relevante para o processo de inclusão.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: s.i, 2006.
- GARCIA, C. A.; COUTINHO, L. G. **Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo**. Rev. Psyche: São Paulo. v.8 n.13 São Paulo jun. 2004.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP.
- GUEDES, Patrícia. **Contemporaneidade e Psicanálise**. 2004. Disponível em <http://www.pdfactory.com> Acesso em 13.08.2010.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Edições Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo – a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MARCUSE, H. **Eros e civilização**. 13 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- MEZAN, R. **Subjetividades Contemporâneas**. In: _____. Interfaces da Psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MORIN, E. **A noção do sujeito. Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- OSTERNE, M. S. **Família, pobreza e gênero: O lugar da dominação masculina**. Fortaleza: EDUECE, 2001.
- QUADROS, Marivete Bassetto **Monografias Dissertações e Normativas**. Santa Cruz do Rio Pardo-SP: Viena, 2006.
- RENAUT, A. **O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito**. Rio de Janeiro: Difel, 1995.
- SARTRE, J. P. **Esboço de uma teoria das emoções**. Rio de Janeiro: Zahar. 1984.
- SARTI, C.A. **Família e individualidade: um problema moderno**. São Paulo: EDUC Cortez, 2005.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Corgtz, 2002.
- SIBÍLIA, P. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008,
- SIMMEL, G. **Liberdade Individual**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- ZIMERMANN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos**. Porto Alegre. Artmed, 1999.